



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JANNERSON DE CÁSSIO XAVIER DE SOUSA

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS SABERES DA TRADIÇÃO
NA COMUNIDADE DO SEGREDINHO, MUNICÍPIO DE
CAPANEMA-PA**

Capanema - Pará
Outubro - 2025

JANNERSON DE CÁSSIO XAVIER DE SOUSA

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS SABERES DA TRADIÇÃO
NA COMUNIDADE DO SEGREDINHO, MUNICÍPIO DE
CAPANEMA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Pereira de Oliveira.

Capanema - Pará
Outubro – 2025



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

JANNERSON DE CÁSSIO XAVIER DE SOUSA

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS SABERES DA TRADIÇÃO
NA COMUNIDADE DO SEGREDINHO, MUNICÍPIO DE
CAPANEMA-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação, Campus Universitário de Bragança da Universidade Federal do Pará, como um dos requisitos para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Data: __/__/2025

Resultado: _____

Banca Examinadora:

Prof. Dr. **Francisco Pereira de Oliveira** – Orientador
Faculdade de Educação/UFPA

Profa. Dra. **Norma Cristina Vieira Costa** – Examinadora
Faculdade de Educação/UFPA

Profa. Dra. **Ana Paula Vieira e Souza** – Examinadora
Faculdade de Educação/UFPA

Capanema – Pará
Outubro – 2025

AGRADEÇO ...

Primeiramente, a Deus e à Nossa Senhora por sempre me acompanharem, me fortalecendo e encorajando nos momentos mais difíceis;

À Samara Bianca, por me inscrever no ENEM 2020, um gesto que mudou minha vida, assim como à Samili Santos, por sua ajuda na inscrição no processo seletivo da UFPA e UFRA, por sua ajuda na inscrição na Federal, ao lado de Leiliane Bulhões, por sua solidariedade e apoio quando mais precisei, levando-me para fazer a prova do ENEM em 2020, sua alegria com minha aprovação e todo o suporte durante o processo de inscrição que me deu foi incrível, sou muito grato a vocês;

A todas aquelas que se alegraram com minha aprovação, especialmente àqueles que organizaram uma festa surpresa para celebrar esse momento, assim como as belas mensagens de carinho e felicitações via *whatsapp* e *facebook* significaram muito para mim;

À Professora Silvia, minha diretora, que me apoiou do início ao fim, mostrando empatia e compreensão, seu apoio foi essencial para a finalização do meu curso;

Às Professoras Elma, Aurilene Pantoja, Socorro Resueno e Naná pelo apoio constante e ajuda para que eu chegasse a esse momento, serei eternamente grato;

Aos/às meus/minhas amigos/as, Anacleto Neto, por sua amizade e orientação valiosa, especialmente na busca por oportunidades de emprego; Luma, por me ensinar a usar o Google Meet, uma habilidade essencial para meus estudos; Lucas, por ser um verdadeiro "pai da tecnologia digital", sempre me ajudando com questões tecnológicas e acadêmicas ao longo do curso; Paulo Vitor, por sua amizade e apoio constante, sua disposição em ajudar foi fundamental para meu crescimento acadêmico e pessoal; Joelen Cavalcante, por completar nossa equipe e contribuir para nosso sucesso;

Ao Alessandro, secretário do Polo em Capanema/UFPA, por seu apoio constante e presença ao longo desses 4 anos de curso, sua ajuda foi essencial para nossa jornada acadêmica; Beatriz, secretária do nosso curso no Polo de Capanema, por sua ajuda sempre que precisei, especialmente no envio das horas complementares, sua atenção e suporte foram muito importantes;

À minha família por todo o apoio e suporte que me deram, especialmente nos momentos mais desafiadores;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Francisco Pereira de Oliveira, por sua orientação valiosa no desenvolvimento desta pesquisa;

A todos que contribuíram direta ou indiretamente para meu sucesso, minha mais sincera gratidão. Cada gesto de apoio e incentivo foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

É quando a pessoa fica perdida no espaço-tempo sem orientação psicológica de encontrar a saída daquele ambiente para o retorno à sua casa ou lugar que queira chegar. Na Amazônia brasileira e mais especificamente na região em que se construiu a presente pesquisa esse “encantada” está sob efeito de encantamento de lendas locais, como o curupira, mãe d’água, dentre outros.

AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E OS SABERES DA TRADIÇÃO NA COMUNIDADE DO SEGREDINHO, CAPANEMA, NORDESTE DO PARÁ

Jannerson de Cássio Xavier de Sousa
Francisco Pereira de Oliveira

RESUMO

A presente pesquisa estuda a relação entre práticas pedagógicas e saberes da tradição na Escola Profa. Maria da Silva Correia, localizada na Comunidade do Segredinho, município de Capanema-PA. O estudo tem como objetivo analisar as práticas pedagógicas e os saberes da tradição reverberados no cotidiano da referida escola. Os procedimentos metodológicos partiram da abordagem qualitativa de pesquisa, com técnicas e instrumentos do tipo entrevistas com perguntas semi estruturadas e aplicadas às professoras e moradores(as) locais mais idosos(as), assim como observações no ambiente escolar. Os principais resultados apontam que a escola valoriza os saberes da tradição com uma metodologia voltada para a contação de histórias locais, desenvolvimento de projetos que trazem a cultura e o ambiente local, assim como a Escola conhece e reconhece os saberes da tradição como uma poderosa ferramenta para o processo de ensino e de aprendizagem. A principal conclusão revela que as práticas pedagógicas alicerçadas pelos saberes da tradição local se tornam um processo de ensino significativo, uma vez que os(as) estudantes possuem o sentimento de pertença ao conteúdo olhando para a materialidade local.

Palavras-Chave: Ensino; Prática Pedagógica; Saberes da Tradição; Amazônia.

ABSTRACT

This research examines the relationship between pedagogical practices and traditional knowledge at the Profa. Maria da Silva Correia School, located in the Segredinho Community, in the municipality of Capanema, Pará. The study aims to analyze the pedagogical practices and traditional knowledge reflected in the daily life of the school. The methodological procedures were based on a qualitative research approach, using techniques and instruments such as interviews with semi structured questions administered to teachers and older local residents, as well as observations in the school environment. The main results indicate that the school values traditional knowledge with a methodology focused on local storytelling and the development of projects that incorporate local culture and the environment. The school also recognizes and recognizes traditional knowledge as a powerful tool for the teaching and learning process. The main conclusion reveals that pedagogical practices based on local traditional knowledge become a significant teaching process, since students have a sense of belonging to the content by looking at local materiality.

Keywords: Teaching; Pedagogical Practice; Traditional Knowledge; Amazon.

1 INTRODUÇÃO

A educação é um processo dinâmico que se constrói a partir do diálogo entre diferentes saberes, articulando conhecimentos científicos, escolares e aqueles oriundos das experiências cotidianas das comunidades. Nesse contexto, compreender como as práticas pedagógicas se relacionam com os saberes da tradição torna-se fundamental para a valorização e visibilidade das identidades culturais e, sem dúvidas, a promoção de uma aprendizagem significativa. A comunidade do Segredinho, localizada em Capanema-PA, apresenta um rico repertório de conhecimentos tradicionais transmitidos de geração em

geração, que coexistem com os conteúdos formais da escola, logo, o registro por meio da pesquisa dessa relação permite não apenas evidenciar a importância da cultura local no processo educativo, mas também refletir sobre o papel da escola como espaço de diálogo, respeito e construção coletiva do conhecimento.

Logo, a presente pesquisa tem como objeto de estudo as práticas pedagógicas e os saberes da tradição na comunidade em questão, há, portanto, a necessidade de exposição o que se compreende por prática pedagógica:

A prática pedagógica, é uma prática social e como tal é determinada por um jogo de forças (interesses, motivações, intencionalidades); pelo grau de consciência de seus atores; pela visão de mundo que os orienta; pelo contexto onde esta prática se dá; pelas necessidades e possibilidades próprias a seus atores e própria à realidade em que se situam (Carvalho; Netto, 1994, p. 59).

São muitas as definições de práticas pedagógicas, sempre voltadas para a ideia educacional e social, o que não se limita a apenas uma definição, pois cada território, cada espaço-tempo se reconfigura para que ela [prática pedagógica] tenha seu significado e aplicabilidade.

Nas observações colhidas, tem-se a ideia de que essa comunidade do Segredinho é rica de lendas, contos e histórias que fazem parte da identidade cultural de seus habitantes. Embora, já existem estudos que abordam algumas dessas narrativas, como: Lago do Segredo (Chaves, 2014); a Pesca feminina na comunidade Segredinho (Rocha, 2011), mas nos últimos 5 anos somente um artigo foi encontrado, “os saberes da tradição da comunidade Segredinho na percepção das crianças (Rocha; Peres, 2020)”, ainda há uma variedade de relatos que permanecem pouco estudados, como a história da menina que ficou 52 (cinquenta e dois) dias encantada na mata, conhecida como a história da Juca, fato que merece estudos para que as narrativas sejam registradas e de conhecimento dos mais jovens.

Eu, Jannerson, sujeito amazônico, morador da comunidade de Segredinho, Capanema-PA, atualmente exerce a função de cuidador educacional na Escola Maria da Silva Correia. Motivo este que me despertou a curiosidade de pesquisar se a Escola está trabalhando os saberes da tradição da comunidade e de que forma está sendo trabalhado com os alunos esses saberes que valorizam a identidade cultural local.

Na referida comunidade há uma creche e uma escola, que atende crianças da Educação Infantil ao 3º ano do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, em que a docência toma como base o currículo oficial da Secretaria Municipal de Educação de Capanema-PA. A prática pedagógica organizada na escola e sua execução, sem dúvidas, merece atenção no que concerne à realidade local, pois, entende-se que a prática pedagógica precisa tomar também

como base a cultura e a tradição local. A esse respeito, compreende-se que

(...) a formação continuada deveria apoiar, criar e potencializar uma reflexão real dos sujeitos sobre sua prática docente nas instituições educacionais e em outras instituições, de modo que lhes permitisse examinar suas teorias implícitas, seus esquemas de funcionamento, suas atitudes, etc., estabelecendo de forma firme um processo constante de autoavaliação do que se faz e por que se faz (Imbernón, 2010, p. 47).

A importância de estar sempre em formação, potencializando os conhecimentos adquiridos e fazendo a diferença no contexto escolar requer o reconhecimento da identidade dos estudantes, seu perfil social, econômico e ambiental para fundamentar o saber-fazer no ensino. O buscar conhecimento nas formações continuadas é extremamente importante, pois se o docente não participar desses encontros formativos poderá ficar sem os conhecimentos de novos métodos de ensino.

Diante desse contexto, a principal pergunta de pesquisa é: como as práticas pedagógicas e os saberes da tradição da Comunidade do Segredinho reverberam no cotidiano da Escola Profa. Maria da Silva Correia, Município de Capanema-PA? Nesse sentido, tem-se como hipótese: A escola em questão, leva em consideração os saberes da tradição nas atividades pedagógicas cotidianas, no entanto, os documentos oficiais não reverberam esses saberes, por exemplo, no Projeto Político-Pedagógico.

Logo, o objetivo geral é analisar a relação entre práticas pedagógicas e os saberes da tradição existentes na comunidade do Segredinho, município de Capanema, Pará, e especificamente, houve a necessidade de identificar lendas e histórias orais existentes entre as pessoas mais idosas da referida comunidade, assim como descrever as histórias e os saberes da comunidade inseridas no currículo da escola e como são trabalhadas pelos(as) professores(as) na sala de aula e, por fim, refletir sobre o processo didático-metodológico usado por docentes no processo de ensino com relação aos saberes da tradição nas escolas locais da referida comunidade.

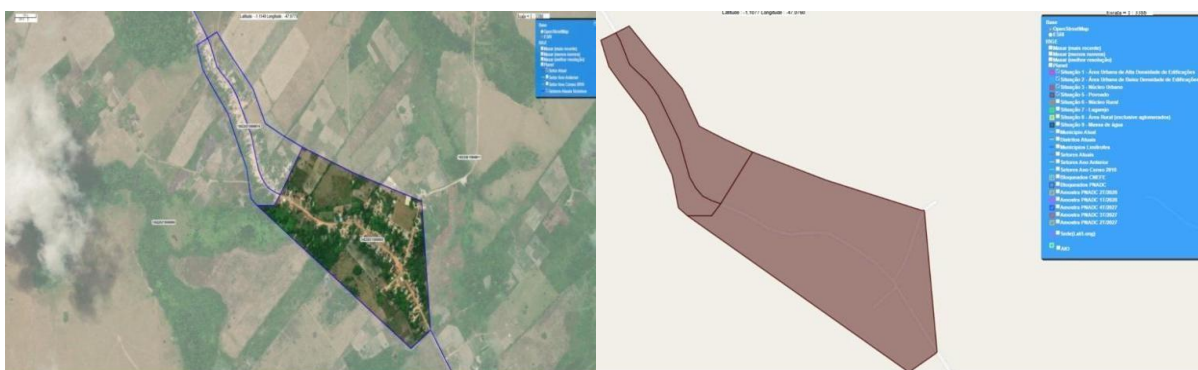
Alguns estudos já foram feitos sobre acontecimentos, histórias e as lendas da comunidade mas, ainda existe muito conteúdo para ser estudado sobre outras histórias, por isso, por meio dessa pesquisa pretende-se relatar algumas histórias e saber como ocorre a relação no ambiente escolar, se essas histórias estão contidas no currículo da escola e se estão ou não sendo trabalhadas na sala de aula, ou seja, identificar e descrever como os saberes da tradição são pensados e inseridos na prática pedagógica escolar.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Área de Estudo

O presente estudo foi desenvolvido no município de Capanema-PA, nordeste do estado Pará, especificamente na comunidade do Segredinho (Figura 1), área campesina deste município, na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental D-28 Profa. Maria da Silva Correia, é uma escola pública deste município, localizada na rua Dr. Jorge Costa.

Figura 1. Mapa de localização da comunidade de Segredinho, Capanema, Pará.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE(2022).

A comunidade Segredinho fica a três quilômetros de distância do distrito de Tauari e a vinte e cinco quilômetros da sede de seu município. A comunidade, tem aproximadamente, 567 habitantes, destes 291 são homens, 276 mulheres, 96 crianças com idade de 0 a 11 anos, 52

adolescentes com idade de 12 a 17 anos, 341 adultos com idade entre 18 e 59, 78 idosos com idade acima de 60 anos, o que perfaz um total de 186 famílias. A caracterização urbana da comunidade é composta por uma igreja católica de São Francisco, um centro pastoral São Pedro e uma igreja evangélica, Assembleia de Deus, dois campos de futebol, uma escola municipal, uma creche municipal, uma associação de produtores rurais, uma arena, uma área de vôlei, um lago, dois igarapés e um posto de saúde. Apesar de não terem outras igrejas além dessas citadas, tem pessoas de outras denominações religiosas que moram na comunidade e frequentam suas respectivas igrejas em outras comunidades (Dados levantados em campo).

A comunidade de Segredinho é formada por agricultores, pescadores artesanais, comerciantes, trabalhadores do comércio e servidores públicos. Sendo que os fatores socioeconômicos permeiam por uma realidade bastante coerente a qual não diferencia das outras comunidades vizinhas. A maioria das famílias recebe benefícios do Bolsa Família e

aposentadorias, o que complementa a renda para o sustento das famílias.

No aspecto cultural, destacam-se as danças típicas regionais paraenses: carimbó, quadrilha, xote e outras. No esporte se destacam os jogos de futebol de campo, de areia e vôlei. Nas festas tradicionais se destacam as juninas, dia das crianças, aparelhagem, religiosas (círrio de Nazaré, de São Pedro, das levitas, entre outras). Na culinária, destacam-se os pescados extraídos do Lago do Segredo, criação de quintal, arroz, feijão e outros, a culinária dessa comunidade é comum e diversificada como a culinária brasileira.

A Escola D-28 Profa. Maria da Silva Correia funciona nos turnos manhã e tarde, com a Educação Básica (Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental) e atualmente, é composta por 15 servidores e 60 estudantes (01 turma de Creche; 01 turma do Pré-Escolar I, II e III; 01 turma multisseriada (1º e 2º ano), e uma turma de 3º ano.

Durante o primeiro mandato do Prefeito Municipal Dr. Jorge Neto da Costa (1993 - 1996), foi construído o atual prédio, e a escola passou a ser chamada de EMEIF. D-28. Profa. Maria da Silva Correia. Não houve cerimônia de inauguração, apenas o prefeito juntamente com a sua secretária de educação, Benedita Justino Reis, fizeram a entrega da mesma aos funcionários da época. A partir daí a referida escola tem como nome Maria da Silva Correia, da qual nada se sabe a respeito, os moradores locais relatam que não sabem de quem se trata, nem de onde era, tão pouco o motivo da escolha do seu nome para ser homenageada para aquela escola.

No que se refere a acessibilidade, a escola possui um banheiro adaptado para cadeirantes e rampa de acesso ao interior da mesma. Possui 03 salas de aula, 01 copa, 01 dispensa, 01 secretaria, 01 banheiro masculino, 01 feminino para estudantes e 01 banheiro para servidores. Os estudantes são oriundos da própria comunidade em que os pais, em sua maioria, não têm o ensino fundamental ou médio completo, a maioria reside em casas próprias e são beneficiários do Programa Bolsa Família.

Os professores são graduados e especialistas em suas áreas de atuação. Em seu quadro de funcionários da escola tem os seguintes integrantes: 01 professora Responsável da Escola, 01 Técnica Pedagógica, 01 Assistente Administrativa (professora readaptada), 03 professores, sendo 01 para as turmas do Ensino Fundamental, 01 para as turmas de Educação Infantil e 01 professora de Educação Física, 02 Cuidadores Educacionais, 01 Oficineira, professora de reforço, 04 auxiliares de serviços gerais e 02 vigias. A escola possui água encanada da rede pública, energia elétrica, o lixo (resíduo) produzido ainda é queimado, uma vez que não possui coleta seletiva de lixo na comunidade; possui acesso à internet adquirido com recurso do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), vinculada ao eixo Qualidade

– Educação Conectada, Campo; e um cantinho de leitura.

2.2 Coleta de Dados

A abordagem escolhida para a realização da pesquisa foi a qualitativa, por entender a sua capacidade em extrair informações de cunho subjetivo e aproximação que possibilita entre entrevistador e entrevistado, e compreender o sujeito em seu contexto. Segundo Bogdan e Biklen (1997, p. 67), na investigação qualitativa, “o objetivo principal do investigador é o de construir conhecimentos e não dar opinião sobre determinado contexto”. Ou seja, se busca nessa abordagem a compreensão dos processos em determinado contexto através dos sujeitos entrevistados, o qual compartilham suas ideias, significações e colaborações para o fenômeno investigado.

Os instrumentos utilizados para alcançar os objetivos propostos na pesquisa foram questionários em dois formatos, o primeiro composto de perguntas fechadas, e o segundo por perguntas abertas, no intuito de obter informações preliminares sobre os entrevistados e também ter a participação do sujeito em suas falas, como destaca Trivínõs (1987) na abordagem da pesquisa qualitativa o ponto central de técnicas que ressaltam as implicações da pesquisa e da pessoa que fornece a informações. Sendo assim, os métodos de perguntas livres por meio de questionários com perguntas semiestruturadas, proporcionam esse espaço de participação.

As principais entrevistadas foram três professoras, sendo a Roseane Queiroz, que é formada em Pedagogia e pós-graduada em Educação Especial e Inclusiva, docente da turma da Educação Infantil, que está trabalhando na comunidade de Segredinho desde o ano de 2024 por meio de um processo seletivo simplificado. É moradora do distrito de Tauari e o critério de escolha dela para a entrevista foi o de ela está atuando na Educação Infantil. A segunda Profa é a Nazaré Torres, a Naná, formada em Pedagogia e em Educação Física e pós-graduada em Atendimento Educacional Especializado, assim como em Gestão Escolar. Foi professora da educação infantil e hoje está readaptada devido a questões de saúde. A escolha para a entrevista se deveu ao fato da mesma ser moradora da comunidade e ter uma expertise para aulas consideradas criativas. E a diretora, Silvia Cleia, pois é uma das professoras mais antigas da escola, 20 anos de docência na comunidade, e conhece sobre a educação da comunidade.

Por outro lado, buscaram pessoas que pudessem narrar as histórias da própria comunidade, o senhor Maximiano, a senhora Fátima e a senhora Odete, pois são consideradas as mais idosas e que contam muitas histórias de acontecimentos locais, quando

estão conversando. O senhor Maximiano e a senhora Fátima estão casados há quase 50 anos, e são moradores da comunidade de Segredinho, a senhora Odete foi moradora da comunidade por um bom tempo, mas depois foi embora para Belém do Pará.

A coleta de dados foi feita por meio de entrevista a partir de um roteiro com perguntas abertas e realizada em rodas de conversas, observações no ambiente escolar, logo, possibilitou um contato mais próximo com as pessoas que são a fonte da pesquisa. Um documento foi entregue à direção da escola para respaldar que a pesquisa fosse feita nesse ambiente, a diretora Silvia recebeu o documento e deu autorização para que a pesquisa fosse realizada na escola. Adicionalmente, foi elaborado um questionário com perguntas semiestruturadas e entregue às professoras sobre as práticas pedagógicas e os saberes da tradição da comunidade. Complementarmente, foram realizados alguns dias de observação no ambiente escolar e consegui colher bastante material sobre os saberes tradicionais trabalhados na escola.

Para coletar informações das histórias que são bem tradicionais da comunidade, foi feita a pesquisa com pessoas idosas da comunidade para poder colher as informações sobre as histórias locais, foram feitas algumas perguntas e eles contaram as histórias que eles sabiam, e essas histórias, com suas permissões, foram gravadas com um gravador do celular para serem estudadas e transcritas.

Na comunidade onde foi realizada a pesquisa, é comum ouvir o termo índio para se referir às pessoas indígenas, principalmente quando se referem a história da comunidade. No entanto, optei por utilizar o termo indígena, pois tenho consciência de que é o termo mais apropriado e respeitoso, mas levarei em consideração a fala dos entrevistados da comunidade quando feitas transcrições de suas narrativas. É importante notar que a utilização do termo índio não é necessariamente negativa, mas sim uma forma de dialetos que é comum onde foi realizada a pesquisa.

2.3 Análise dos Dados

Para a análise dos dados obtidos, foi realizada uma divisão das perguntas entre: resposta, bibliografia e análise, para detalhar os pontos trazidos pelos sujeitos, e possibilitar um diálogo com as falas. Trazendo assim, elementos ressaltados por André e Ludke (1986, p. 49) no processo de análise dos dados:

É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração,

ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações.

Devido esses pontos estabelecidos, as respostas mais expressivas foram transcritas e colocadas no trabalho na íntegra e a análise delas estão embasadas nas interpretações por meio da análise de conteúdo e tratadas a partir das bibliografias utilizadas até aqui e outras mais que foram julgadas necessárias para a constituição da discussão.

A análise de conteúdo é uma técnica que faz conclusões de forma objetiva sobre elementos implícitos, por isso, “embora o corpus de texto esteja aberto a uma multidão de possíveis questões, a AC interpreta o texto apenas à luz do referencial de codificação, que constitui uma seleção teórica que incorpora a objetivo da pesquisa” (BAUER, 2002, p. 199).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 O que narram as professoras sobre a prática pedagógica e os saberes da tradição?

A primeira entrevista foi a Profa. Naná (Figura 2), assim conhecida carinhosamente, uma profissional muito respeitada na comunidade e na Escola por toda a sua contribuição no processo de ensino. A professora que já foi diretora, professora de classe regular, professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e hoje está readaptada com atividades administrativas em função de adoecimento

Figura 2. Registro fotográfico do momento da pesquisa com a Profa. Naná na Escola, comunidade do Segredinho, Capanema, Pará.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Na entrevista com ela, consegui ter vários relatos sobre as tradições e sobre as práticas pedagógicas usadas na escola por ela, onde narra:

[...] contei várias histórias da Juca que foi a história de uma menina que

desapareceu aqui em nossa comunidade, contei para meus alunos do pré, e quando a gente fazia a roda de conversa que eu ia fazer a contação de história, todo dia tinha história na minha turma. Então eu procurava os fatos daqui pra contar, são muitas coisas que eu contava, que fez meus alunos crescer, ver as coisas com outros olhos [...].

A narrativa da professora que traz para a sala de aula histórias da própria comunidade, como a da menina Juca, revela uma prática pedagógica profundamente vinculada ao território e à memória coletiva. Segundo Paulo Freire (1996), a educação libertadora parte da realidade concreta dos educandos, transformando o cotidiano em objeto de reflexão crítica. Ao contar histórias enraizadas no contexto local, a docente não apenas promove a aprendizagem, mas também fomenta a valorização da identidade cultural da comunidade, permitindo que os alunos “vejam as coisas com outros olhos”. Essa prática dialoga com Arroyo (2012), que defende a centralidade da cultura e da vida no campo como fundamentos pedagógicos, e com Caldart (2004), ao destacar que a Educação do Campo deve integrar os saberes populares ao processo formativo. Além disso, a oralidade, como lembra Walter Benjamin (1987), constitui-se como um instrumento de transmissão de experiências e de preservação da memória coletiva, fortalecendo vínculos intergeracionais. Assim, a contação de histórias locais, realizada de forma sistemática na roda de conversa, não é apenas um recurso didático, mas um ato político- pedagógico que potencializa a consciência crítica, ressignifica a tradição e fortalece a identidade amazônica dos alunos.

Em seguida, foi indagado: como e com quem você aprendeu sobre as tradições da comunidade? A professora sorrindo e contou:

[...] eu era uma menina muito curiosa, sempre perguntava o que eu gostaria de saber, eu ficava ouvindo as conversas da minha mãe com minha vó e também gostava de ficar por perto quando a tia Nazaré Perna chegava, pois ela era parteira e era como se fosse uma médica, pois sabia fazer remédio para tudo, as pessoas se consultavam com ela e ela ensinava remédio caseiro. Então, tudo o que aprendi foi com o conhecimento que elas me repassaram [...].

A narrativa apresentada revela um processo de formação marcado pela curiosidade e pela escuta atenta de uma menina que aprende com sua mãe, avó e com a parteira da comunidade. Esse movimento remete ao que Benjamin (1987) chama de transmissão de experiências, em que a memória individual se constrói a partir de relatos e práticas vividas no seio familiar e comunitário. Nesse sentido, a memória da narradora não é apenas pessoal, mas se articula ao que Halbwachs (1990) denomina memória coletiva, já que guarda elementos que pertencem à tradição cultural de todo o grupo social.

No campo da educação, o aprendizado que emerge dessa convivência ilustra a pedagogia da curiosidade e da experiência discutida por Freire (1996), segundo a qual o

conhecimento nasce das interações cotidianas e do diálogo com o mundo. Esse aspecto também se relaciona à perspectiva de Brandão (2002), que reconhece que a educação acontece para além da escola, em múltiplos espaços sociais, como na vida doméstica, nos rituais comunitários e nas práticas de saúde popular.

O protagonismo feminino é central nessa narrativa, uma vez que a mãe, a avó e a parteira assumem o papel de guardiãs e transmissoras de saberes. Como aponta Perrot (2007), as mulheres historicamente foram responsáveis por conservar e repassar tradições culturais, muitas vezes invisibilizadas pela história oficial. Sob essa ótica, Scott (1995) ressalta a importância de analisar o gênero como categoria que permite compreender a autoridade simbólica dessas mulheres, que, mesmo fora da academia ou do sistema de saúde formal, conquistaram legitimidade por meio do reconhecimento comunitário.

A figura da parteira, entendida como “uma médica” pela narradora, remete à discussão de Luz (2005) sobre a medicina popular como um campo legítimo de saber, que coexiste com a biomedicina e valoriza a experiência e o conhecimento empírico. Além disso, o papel social da parteira pode ser interpretado à luz de Foucault (1979), que enfatiza a relação entre saber e poder: sua autoridade não decorre de uma certificação institucional, mas do domínio prático e da confiança construída na comunidade.

Por fim, ao situar a narrativa no campo da Educação do Campo, Arroyo (2012) e Caldart (2012), lembram que os saberes locais e comunitários precisam ser valorizados como parte de uma pedagogia própria, que reconhece a vida e a cultura das populações rurais como fonte de conhecimento. Assim, a experiência relatada revela uma pedagogia enraizada nos saberes tradicionais, no protagonismo feminino e na oralidade, configurando-se como uma prática educativa que vai além dos limites da escola formal, mas que contribui diretamente para a formação de sujeitos críticos e socialmente engajados.

A Professora Naná revela que trabalhava os saberes da comunidade em suas aulas, ressaltando os principais enfoques: o lago do Segredo, da pesca artesanal, da preservação da natureza, principalmente da mata ciliar, os benefícios que o lago tem para a comunidade, fala sobre os tipos de peixes e percebia que as crianças se interessavam em função de que conviviam em suas famílias aqueles aspectos, o que, sem dúvidas, favorecia a oralidade, o ser e ou outro dentro de uma comunidade.

Pedagogicamente, a Professora relata que gostava de brincar de pescaria na sala de aula, pois levava uma bacia grande, enchia de água e colocava alguns peixinhos artificiais dentro, as crianças pegavam o anzol e a professora ensinava como deviam pescar, assim elas brincavam e aprendiam a cultivar aquele saber da tradição, e disse que nessa brincadeira,

ensinava as crianças a contar os números, os nomes dos peixes, a importância da pesca, as formas de pescaria e outras possibilidades.

Ainda, a Professora Naná, trazia na sua prática pedagógica as plantas medicinais, pois conversava com as crianças sobre a importância dos remédios caseiros, e mostrava pelo celular, plantas que serviam para fazer alguns tipos de remédios e para qual doença. Ensinava como devia ser utilizadas essas plantas.

A história do índio (indígena), que é muito conhecida na comunidade, também era trabalhada na escola, especificamente na turma da Professora Nazaré, pois conta sempre para seus alunos, falava da questão da proteção que ele faz ao lago, que ele é encantado, que ajuda os pescadores a pegar seus peixes, mas também espanta as pessoas quando fazem algo que prejudique o lago. A professora contou que durante a aula, falava da beleza natural, do lago e de seus encantos.

A segunda entrevistada foi a Professora Roseane, que está na ativa, em que se perguntou: os saberes tradicionais da comunidade são passados em forma de conteúdo para os alunos em sala de aula, de que forma? Ela respondeu:

Metodologia participativa que engajam os estudantes na construção do saber por meio de atividade que valorizem a oralidade, roda de conversa, contação de história, música e lendas etc.

É importante que a professora trabalhe os saberes em suas aulas, pois promove a aprendizagem significativa, pois refletem as vivências dos alunos. A escola passa a ser um espaço de conhecimento onde os saberes tradicionais possam ser valorizados em sua realidade diária. Para os educandos é sempre importante valorizar e reconhecer os saberes da sua comunidade e desenvolvendo um respeito pela herança cultural.

Complementarmente, levantou-se a pergunta à professora Roseane: qual a importância da preservação da tradição na comunidade? A resposta foi:

Garante uma identidade e compartilhamento de suas tradições, como rituais e a diversidade cultural e o respeito. Moldando a sua identidade própria, garantindo a transmissão de valores e conhecimento para gerações futuras.

Ademais, a professora Silvia Cléia narrou sobre as histórias tradicionais da comunidade, onde trouxe a menção de que de acordo com alguns relatos feitos por um professor da comunidade, que por sua vez havia escutado de seu avô paterno, a origem do nome da comunidade da Vila Segredinho teria ligação direta com as aventuras de três caçadores bragantinos, pois teriam vindo de trem até Tauari para caçar nas matas circunvizinhas, que por sua vez eram densas e com animais de várias espécies.

Conforme tais relatos, um dos caçadores tinha sobrenome Reis, outro Santiago e o terceiro Farias. Eles costumavam passar vários dias caçando e pernoitavam na

mata mesmo, sempre juntos e depois de um certo período retornavam para Bragança. E assim fizeram inúmeras vezes até que um dia resolveram agir diferente, decidiram caçar separadamente, seguindo direções diferentes, mas que deveriam se encontrar no local determinado para retornar para Bragança. No dia combinado, retornaram para o local de onde haviam partido, todos com bastante caça, mas um deles, o de sobrenome Reis, além da caça, tinha também bastante peixe o que acabou despertando a curiosidade dos demais. Pois, também gostariam de pescar, no entanto, toda vez que lhes perguntavam onde havia conseguido tanto peixe, ele apenas respondia que era segredo, até que um certo dia resolveram segui-lo e descobriram o seu segredo, descobriram o grande rio e o denominaram de Lago Segredo. Após a descoberta, de acordo com o relato, ainda pescaram juntos por várias vezes, mas depois cada um seguiu destino diferente, sendo que o de sobrenome Reis resolveu fixar morada e teria trazido a sua família, dando origem ao povoado Segredinho.

Em conversa com a senhora Maria de Fátima, sobre os saberes da tradição do Segredinho, ela disse que sabia uma história que foi verdadeira, e falou:

[...] sabe meu filho, no dia 08 de setembro de 1980 a Juca, saiu umas 4 horas da tarde para colocar o gado no curral, ela desapareceu, desde esse dia não voltou para sua casa. Então as pessoas da família começaram a procurar, mas não encontraram ela, então mais pessoas da comunidade foram ajudar a procurar, mas ninguém encontrou ela, então as pessoas já tavam desanimadas e pensaram que não iam encontrar mais ela. Se passaram cinquenta e dois dias quando dois caçadores encontraram ela ainda viva, mas só deu tempo dela dizer bença pai, e morreu. Um pajé disse que ela tava perdida na mata e quem tinha carregado ela era a curupira [...].

Essa história é muito conhecida na comunidade, pois repercutiu em todo município e muitas pessoas curiosas vinham ver de perto se era verdade, e também vieram prestar sua solidariedade à família.

Em um diálogo com o senhor Maximiano ele contou que conhecia algumas histórias do Segredinho e ele contou:

[...] eu já sou um veterano, e muitas vezes tinha ouvido falar sobre o índio, mas uma vez eu estava pescando e quando deu umas onze horas da noite meu amigo que também estava pescando no lago disse que era para nós ir para o outro lado do lago, porque ali era a passagem do gritador e ele ia passar por lá naquela noite. Nós saímos para o outro lado, quando deu mais de onze horas da noite ouvimos tipo como se alguém tivesse jogado um fecho de vara dentro de uma canoa, fez um barulho muito alto, então eu fiquei com muito medo, e depois o gritador deu um forte grito, e em certos pontos ele gritava de novo. Eu e meu amigo não ficamos no lago, fomos embora. Eu nunca vi esse gritador, mas ouvi os gritos dele que eram altos [...].

As pessoas dizem que esse gritador é o indígena, outros dizem que não é ele, mas as pessoas não o viam, mas conseguiam senti-lo e ouvi-lo. Os moradores da comunidade relatam que ouviram por muito tempo uma pessoa a gritar, era o gritador do segredo. Ele passava na rua gritando, e passava por várias comunidades circunvizinhas do Segredinho, dizem que o grito era assustador, e que sabiam os dias que ele passava gritando, então as pessoas se recolhiam cedo. Segundo relatos de várias pessoas, o indígena saía do lago

gritando, passava pela vila do Segredinho, Tauari, voltava pelo Segredinho, vinha pelo lago e passava direto para a comunidade de Califórnia. Muitos moradores dessas comunidades falam essa história, e que nunca mais ouviram esses gritos.

Conversando com as pessoas sobre esse tal gritador, a senhora Odete narrou:

[...] sabe meu filho, em agosto de noventa e cinco, um amigo meu chamado de Nonato, mas todo mundo chamava ele de seu Nonato, morador de Belém, foi me visitar no Segredinho, ele era experiente, quando ele chegou lá, ele contou que sentiu que tinha um índio que passava pela comunidade gritando e que ele ia conversar com ele. Em um certo dia, seu Nonato disse a senhora Odete que naquela noite ele ia conversar com esse gritador para afastar ele da comunidade porque ele estava assombrando muita gente. No outro dia de manhã seu o seu Nonato me chamou e disse que depois que todo mundo dormiu ele foi bater lá na casa do índio, lá no pau do índio, e ele disse para o índio que na vila onde ele passava tinha muita criança e que era para ele se afastar, deixar de tá passando e gritando porque as crianças estavam adoecendo muito, e ele disse que conversou bastante com esse índio [...].

A história de seu Nonato poucos conhecem, mas segundo alguns moradores, depois que ele disse que tinha afastado o índio, realmente ninguém mais ouviu o grito, as crianças não adoeceram mais como antes adoeciam frequentemente. A senhora Odete falou que seu Nonato era experiente¹ (rezador, curador), que rezava as pessoas, que ensinava remédio e que sentia quando aconteceria algo estranho à vida da pessoa que busca por seus serviços.

Esse relato foi contado por dona Odete que conhecia seu Nonato, pois ela vivenciou tudo isso porque ele contava a ela. Seu Nonato faleceu em 02 de fevereiro de 2000, com 68 anos, mas deixou sua história marcada na vida dos moradores do Segredinho, poucos sabem dessa história, pois somente agora que está sendo relatada nesta pesquisa, mas os que conhecem essa história de perto, dizem que foi real.

Na observação na escola estava explícito que sempre a tradição comunitária esteve presente na educação escolar, foi identificado que as práticas pedagógicas levam em conta os saberes da comunidade e que são realizados trabalhos extraclasse para que os estudantes conheçam e reconheçam alguns espaços, como o Lago do Segredo.

Uma aula de Ciências (Educação Infantil e Ensino Fundamental) à beira do Lago do Segredo, sem dúvidas, é uma aula diferenciada, atrativa e muito significativa, pois os conteúdos, dependendo da criatividade do(a) professor(a), pode levar os(as) alunos(as) a fazerem uma viagem em sua imaginação; assim como aulas de Língua Portuguesa, Matemática, História, dentre outras matérias, pois o ambiente é diversificado com belezas naturais.

3.2 Os saberes tradicionais e a prática pedagógica nos projetos extensionista da Escola

Alguns dos projetos e atividades que foram observadas no seu desenvolvimento na Escola em questão, entre os quais: Projeto de Meio Ambiente, Projeto Cultura Junina e Projeto Desfile Escolar (Cívico).

Entre os projetos que a Escola desenvolve, serão mencionados aqueles que têm relação com o objeto desta pesquisa. Assim, o Projeto de Meio Ambiente é importante para a preservação e conservação da mata e valoriza o que já existe na comunidade, que objetiva sensibilizar os(as) estudantes que se a mata não for preservada e reflorestada muito das histórias que se conhece ficarão somente na imaginação e as futuras gerações não vão poder ver e sentir o que os moradores atuais veem e sentem ao entrar no ambiente tido nos dias de hoje.

No ano de 2023, a escola teve um projeto voltado para o meio ambiente, mas especificamente voltado para a preservação da natureza, onde trabalharam com os alunos por muitos dias sobre a preservação da natureza e o cultivo de espécies de árvores frutíferas. Foram dias de muitos estudos em diferentes disciplinas, todos voltados para o projeto, assim puderam conhecer algumas plantas regionais e o objetivo era reflorestar com árvores frutíferas algumas áreas. Após estudarem sobre como reflorestar e a importância desse projeto, conseguiram finalizar o projeto com uma palestra com a equipe da EMATER do município de Capanema, envolvendo a equipe da escola, alunos e pais. A equipe veio palestrar e ensinar como plantar cada tipo de árvore (Figura 3).

Figura 3. Registro fotográfico de atividades de campo na execução do Projeto Meio Ambiente da Escola Profa. Maria da Silva Correia, comunidade do Segredinho, Capanema, Pará.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Após ensinar o plantio de algumas mudas de árvores na área externa da escola, a equipe da EMATER distribuiu diversas mudas para que os pais e as mães dos(as) alunos(as)

pudessem cultivá-las em suas propriedades. Foram mudas de plantas como açaizeiros (*Euterpe oleracea*), coqueiros (*Cocos nucifera*), cupuaçuzeiros (*Theobroma grandiflorum*), cacaueiros (*Theobroma cacao*), abacaxizeiros (*Ananas comosus*), ipês (*Handroanthus spp.*) e outras espécies. O projeto foi significativo principalmente para os(as) moradores(as) locais, pois, segundo relatos, atualmente as famílias já colhem os frutos dessa iniciativa, que contribuiu para a preservação da natureza e para a valorização da cultura local.

O Projeto Cultura Junina é um dos mais significativos para a comunidade escolar e local, pois no mês de junho a escola se mobiliza para a festa junina, onde a tradição comunitária está bem presente, uma vez que faz parte da cultura regional e local, onde durante esse mês as atividades voltadas para essa cultura são trabalhadas em forma de conteúdo, e nessa festa multicultural que encerra o primeiro semestre, envolve algumas danças, comidas típicas, decoração e brincadeiras (Figura 4), é um projeto que envolve toda a comunidade local.

Figura 4. Registro fotográfico de atividades do Projeto Cultura Junina da Escola Profa. Maria da Silva Correia, comunidade do Segredinho, Capanema, Pará.



Fonte: Acervo do autor (2025).

Festa que envolve muita alegria e diversão para todos que esperam com muita alegria essa data toda especial. Após o final da aula, as crianças ensaiam suas apresentações para fazer bonito no dia da festa, assim como outros grupos de danças são convidados para se apresentarem e manter a interação local e regional.

Os professores motivam os(as) alunos(as) a participarem do Projeto e as atividades escolares são voltadas para o tema de festa junina. É um projeto onde o multiculturalismo se faz presente, uma festa onde a cultura paraense e de outras regiões brasileiras são bem valorizadas como: a dança, a culinária, a música e as decorações. O Projeto Cultura Junina também é um meio de a Escola fazer as comidas típicas e vendê-las para aquisição de recursos financeiros que são investidos na própria comunidade escolar, é um momento de celebrar o fim do primeiro semestre escolar.

Outro Projeto muito importante é o Desfile Escolar, que acontece no início do mês de setembro, em que a escola consegue envolver toda a comunidade escolar, pais, comunidade local, religiosas, esportivas, pescadores, dentre outros (Figura 5).

Figura 4. Registro fotográfico de atividades do Projeto Desfile Escolar da Escola Profa. Maria da Silva Correia, comunidade do Segredinho, Capanema, Pará.



Fonte: Acervo do autor (2025).

É um momento esperado por todos, onde o desfile mostra o quanto é importante todos se sentirem parte desse ambiente escolar. Os pescadores não podem ficar de fora desse evento, pois toda cultura da comunidade do Segredinho começa a ser vista pelo Lago do Segredo. Todas as práticas pedagógicas são voltadas para a tradição, e, a Escola local sempre traz essa tradição da cultura da pesca, pois se percebe a alegria dos(as) pescadores(as) levar para a avenida no desfile as suas representações sociais da pesca naquela comunidade. Cada pelotão tem seu significado e neles vem mostrando o quanto é bom estar envolvido nesse contexto escolar e cultural que a educação proporciona, onde todos se unem para a realização deste Projeto.

Logo, percebe-se que a Escola em questão sempre valoriza os saberes da tradição local, imprimindo nas suas práticas pedagógicas a ancestralidade, o ambiente, a narrativa viva do povo local, a contação de histórias, dentre tantas outras.

3.3 A história descrita por um pesquisador/morador da Comunidade do Segredinho

Considero-me uma agente social que pesquisa no seu próprio território, envolto às contações de história local, que possui o sentimento de pertença e senti o arrepio na pele quando a cada momento se narra uma história por algum(a) morador(a), pois considero que aquela riqueza é única e precisa ser preservada às gerações futuras por meio da sensibilização das gerações mais novas, logo, abaixo, relato algumas narrativas apreendidas e impressas por mim enquanto morador e pesquisador desta comunidade.

Com a chegada dos povos indígenas, onde hoje é a comunidade de Tauari, formaram sua comunidade ao redor de uma árvore conhecida por tauarizeiro¹ e, precisavam pescar e caçar, para manter a comunidade indígena. Como por perto não havia rios para pescar, eles saíam por dentro da mata densa em busca de caças e de peixes. Dois desses indígenas saíram juntos e foram mais adiante, e chegaram em um grande rio, cheio de peixes e com muita caça por perto, então os dois pegaram muito peixe com bastante facilidade, e voltaram para a comunidade indígena onde estavam.

Ao chegar na comunidade os outros indígenas perguntaram onde tinham conseguido tanto peixe, pois por perto não tinha rio grande e, eles falaram que não podiam falar, pois era o segredo deles. E passando alguns dias, os indígenas levaram os outros para irem conhecer o segredo deles. Chegaram e ficaram encantados com tanto peixe e com uma grande fartura de caça. Então, o grande rio encontrado por eles ficou conhecido como o Segredo. Os povos indígenas sempre iam pescar, pois somente eles sabiam onde ficava o grande rio, chamado de Lago do Segredo.

3.3.1 O índio(indígena) encantado

Em um certo dia, os indígenas viram um outro indígena que não pertencia à comunidade, esse indígena ao sentir a presença de outras pessoas, pulou no Lago do Segredo

¹ Árvore de grande porte, com até quase 50m de altura, presença de sapopemas, tronco retilíneo; casca fissurada longitudinalmente. Folhas coriáceas, pecioladas, glabras ou esparsamente pubérulas na face inferior, oblongas, base cuneada. Inflorescências em panículas ou racemos curtos terminais ou axilares, ráque e raquillas minutamente pubescentes, estrelados; flores róseas, os lobos do cálice triangulares com as margens ciliadas; estames unisséricios contornando o anel estaminal. Frutos lenhosos triangulares ou em forma de cone invertido, opérculo plano no topo; sementes oblongo-lanceoladas (<https://www.sindimasp.org.br/tauari/>).

e não voltou mais para a superfície, então hoje essa história é conhecida como o índio (indígena) encantado, pois segundo as histórias ouvida pelas pessoas mais antiga (muitas dessas pessoas já morreram), ele está encantado no Lago e, que é conhecido e respeitado como o protetor daquele lugar, onde muitas pessoas deixam suas oferendas em um certo local, chamado pau do índio, em agradecimento pelos peixes que pegam. Outras pessoas ao chegarem naquele lago pedem a permissão ao índio para entrar dar uma bóia²³ de peixe (o necessário para alimentar sua família), essa cultura vem de muito tempo, e que até nos dias de hoje ainda é muito respeitado e preservado.

3.3.2 O gritador do Segredo

Segundo um morador da comunidade, o Senhor Maximiano, de 73 anos, já ouviu seu grito, quando estava pescando no Lago a noite. Ele e outro parceiro de pesca, estavam na pescaria, em um certo horário o outro amigo disse para ele que era para ir embora porque o índio (indígena) ia passar por lá naquela noite, então eles foram para o outro lado, quando o índio (indígena) chegou para atravessar o Lago, eles ouviram um barulho como se o índio tivesse jogado as ferramentas de pesca dentro de uma canoa, e pegou a canoa e saiu gritando rumo à Califórnia. Eles todos arrepiados, voltaram para suas casas e contaram o que tinham ouvido.

Os gritos não eram constantes, havia os pontos certos onde ele gritava. Uma moradora de Tauari, Rosane Queiroz, que é professora na comunidade Segredinho, falou que também ouvia esses gritos, e que lá em Tauari também falavam sobre esses gritos, mas que não viam nada. As pessoas ficavam amedrontadas, pois não sabiam o motivo desses gritos.

3.3.3 O Segredo não revelado

Em 1995, seu Nonato, que morava em Belém e que era amigo de dona Odete, que era moradora da comunidade de Segredinho, foi de Belém até o Segredinho, no mês de agosto, para fazer uma visita à ela. Sem ninguém contar nada do que acontecia ele simplesmente falou de tudo o que havia na comunidade. Falou que tinha um índio que passava pela comunidade que gritava, que assustava. O seu Maximiano confirmou que era verdade. Ele disse que ia conversar com o índio.

² Termo caboclo amazônico (Brasil), especialmente do estado do Pará, que tem o significado de comida, alimento.

Seu Nonato era experiente, fazia remédio caseiro, rezava as pessoas, e tinha um dom³ de revelar as coisas. Em um certo dia ele falou que o índio passaria naquela noite e que conversaria com ele. No outro dia de manhã, contou ao seu Maximiano que havia falado com o índio, que na madrugada foi até a casa do índio, pau do índio, no Lago do Segredo, mas que o índio mora embaixo da tronqueira do pau. Ele foi até lá, conversou, viu como era lá e pediu a ele para não passar mais pela comunidade, pois tinha muita criança e que elas poderiam adoecer e as pessoas estavam assombradas, ficavam com medo dos gritos que ouvia e que fazia muito mal para os moradores. Segundo seu Nonato, o índio era alto, negro e cabeludo.

Seu Nonato dizia que se uma criança o visse, poderia ficar muito doente e até morrer de medo, pois ele é muito feio. Seu Nonato sentia as pisadas do índio. Naquele tempo, as crianças ficavam doentes com facilidade. Depois que seu Nonato disse que tinha falado com o índio, as crianças não adoeceram mais, as pessoas ficaram mais tranquilas, os moradores falam que realmente nunca mais ouviram o tal gritador passar na rua. As pessoas que sabem da história de seu Nonato, acreditam, pois o que acontecia antes de assombroso, hoje já não acontece mais.

3.3.4 História da JUCA

Em uma conversa com dona Maria de Fátima, que é moradora da comunidade local, contou um pouco sobre a história da menina Juca. No dia 08 de setembro de 1980, Maria José, mas conhecida como Juca, saiu de sua casa às 16 horas para colocar o gado no curral, ela desapareceu, desde esse dia não voltou para casa. Então as pessoas da família começaram a procurá-la, mas não encontraram, então mais pessoas da comunidade foram ajudar a procurá-la.

Passados alguns dias e como não acharam a menina, alguém sugeriu que fossem à procura de um pajé, mas a família não aceitava. Então, passaram-se mais dias, resolveram chamar o pajé que foi até ao local, fez o trabalho dele, disse que a menina estava por perto, mas que para encontrar a menina tinha que chamar a madrinha e o padrinho de batismo, e a madrinha de apresentar, em um horário certo, indicado pelo pajé, era a noite, eles foram chamados e foram até o local, e fizeram conforme o pajé mandou, que tinha que chamar a menina três vezes pelo nome de batismo, então a madrinha de apresentar na companhia dos

³ Pessoas que têm “dom” para prever e/ou adivinhar situações de vida de outra pessoa, assim como benzedor, que pode prescrever remédios caseiros, fazendo uso de ervas medicinais, banhos, unguentos, dentre outros.

padrinhos de batismo chamava pelo nome da menina, e nada aconteceu, mas quando a madrinha na terceira vez disse: “Maria José, sou eu a sua madrinha, minha filha!”. E, ela respondeu dentro do mato, mas ninguém poderia entrar no mato, conforme a orientação do pajé, tinha que esperar ela vir, mas ela não apareceu.

Enquanto a madrinha chamava a menina, a curupira ficava muito agitada, assobiava e as pessoas percebiam o clima estranho no local, muitas coisas estranhas aconteciam. O pajé, com seus conhecimentos disse que era a curupira que tinha carregado a menina. O número de pessoas só aumentava, havia muita gente nesse local, a história já estava longe, por isso muitas pessoas vinham para ver de perto. No outro dia, outras pessoas iam ao mato procurá-la, mas não a encontravam, somente rastros dela. Passaram uns 20 dias e não a encontraram, então deram as buscas por encerrada.

Após 52 (cinquenta e dois dias), no dia 30 de outubro, dois senhores estavam caçando, e encontraram a Juca dentro de um buraco raso, tinha uma raiz que já estava lisa de tanto ela se puxar para sair, mas não conseguia. Então os homens viram a menina, e um disse: “- *tu fica aqui que eu vou até a casa do pai dela chamar a família*”. O outro disse: “- *Não. Fica tu que eu vou chamar a família dela*”. Eles estavam com medo de deixar a menina sozinha e quando voltassem ela não estivesse mais no local, pois as pessoas poderiam dizer que eles estavam com mentiras. Então os dois resolveram ir juntos na casa do pai de Juca, chamaram ele e, toda a família apressadamente saiu para ir até o local, levaram uma rede e foram até o local, chegaram e realmente a menina estava lá. A Juca olhou para seu pai e a única palavra que disse foi: “- bênção, pai!”. E, o pai a abençoou. A irmã de Juca tinha levado uma vasilha com água e uma colher, e chegando lá deu água na colher para a menina beber. Nessa hora Juca morreu, então algumas pessoas foram até a vila do Segredinho chamar mais pessoas para ajudar, então as pessoas foram e levaram a Juca falecida para a casa dela.

As práticas pedagógicas desenvolvidas na comunidade do Segredinho, em Capanema- PA, revelam que os saberes da tradição constituem um patrimônio cultural vivo, transmitido entre gerações e ressignificado no cotidiano educativo. Ao valorizar o conhecimento herdado da oralidade, das práticas de cura popular, do trabalho coletivo e da memória familiar, a educação realizada nesse espaço ultrapassa os limites da escola formal e se enraíza na própria vida comunitária. Essa dinâmica mostra que a aprendizagem não se restringe a conteúdos escolares, mas integra os modos de ser, viver e resistir de uma população que encontra na tradição uma fonte de identidade e de pertencimento.

Nesse sentido, compreender as práticas pedagógicas articuladas aos saberes da tradição no Segredinho significa reconhecer a potência educativa das culturas locais e o

papel das famílias e lideranças comunitárias na formação dos sujeitos. A experiência demonstra que a escola do campo, quando dialoga com os saberes tradicionais, fortalece o vínculo entre educação e realidade social, contribuindo para a valorização da memória coletiva e para a afirmação de identidades. Assim, a comunidade reafirma sua capacidade de ensinar e aprender a partir de seus próprios referenciais, construindo uma pedagogia que nasce da vida, da cultura e da resistência amazônica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revela que as professoras utilizam diversas estratégias para transmitir os saberes da comunidade, como rodas de conversa, contação de histórias e lendas. Além disso, a escola desenvolve projetos e atividades que valorizam a cultura local e integra a comunidade como o projeto meio ambiente, a festa junina e o desfile escolar. Esses saberes tradicionais na prática pedagógica contribuem para a formação de uma identidade cultural mais forte entre os alunos e promovem o respeito pela herança cultural da comunidade. No entanto, é importante que a escola continue trabalhando para fortalecer essa relação entre a cultura local e a educação sistematizada, garantindo que as tradições não sejam perdidas e que as novas gerações possam conhecer e valorizar sua própria cultura. Diante disso, o trabalho destaca a importância de uma educação significativa, que valorize os saberes da comunidade e promova a preservação. A escola desempenha um papel essencial nesse processo, ao criar um ambiente onde os saberes tradicionais possam ser compartilhados e valorizados, contribuindo assim para o desenvolvimento integral dos alunos e para a manutenção da identidade cultural da Comunidade do Segredinho.

A análise das práticas pedagógicas e dos saberes da tradição na comunidade do Segredinho, em Capanema-PA, evidencia a relevância da valorização dos conhecimentos locais no processo educativo. Ao articular a escola com a memória, a cultura e os modos de vida da comunidade, reforça-se uma educação do campo que reconhece as identidades e fortalece a autonomia social. Nesse sentido, compreender a tradição como elemento pedagógico não significa negar os saberes científicos, mas sim integrá-los em um diálogo que respeita e potencializa os sujeitos do campo. Dessa forma, as práticas pedagógicas ancoradas na realidade local contribuem para a construção de uma educação contextualizada, democrática e emancipadora, reafirmando a escola como espaço de resistência e de preservação da cultura amazônica.

Referências Bibliográficas

- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Educação do campo**: em busca de uma educação emancipatória. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ARROYO, Miguel. **Educação do campo**: território de saberes e de identidade. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação popular**. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. Revista **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 1177-1202, 2012.
- CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CARVALHO, M. do Carmo B.; NETTO, J. P. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. São Paulo: Cortez, 1994.
- DIEGUES, A. C. Etnoconservação da natureza: enfoques alternativos: *In*: DIEGUES, A. C. **Etnoconservação**: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. São Paulo: HUCITEC, NUPAUB/USP, 2000. p. 1-46.
-
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2000.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.
- LUZ, Madel Terezinha. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15,

n. 1, p. 145-176, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.